

Anarquistas italianos nas Américas: a luta contra o fascismo  
entre o Velho e o Novo Mundo (1922-1945)  
João Fabio Bertonha\*

---

Resumo:

No período entre as duas guerras mundiais, anarquistas italianos (assim como outros grupos de esquerda) tiveram que reorganizar sua luta contra o fascismo fora da Itália. Enquanto socialistas e republicanos se dirigiram especialmente à França e à Suíça, e os comunistas tinham preferência pela França e pela Bélgica, os anarquistas optaram, por vários motivos, pelo continente americano. Meu objetivo nesse paper é fazer uma comparação entre os vários casos regionais do continente americano, de forma a compreender em quais contextos o anarquismo foi capaz de articular melhor a sua luta contra o regime fascista (e suas instituições transplantadas no exterior, como os *fasci all'estero* e os consulados) e as razões disto. Além disso, explorarei as várias redes transnacionais que conectavam estes anarquistas antifascistas entre si na América (assim como com seus companheiros nos países europeus e na Austrália) e com seus apoiadores e parceiros de fé política em cada país, através de jornais, cartas, etc.

Palavras-chave: Italianos; fascismo; antifascismo; anarquistas; transnacionalismo.

---

Abstract:

Between the two world wars, Italian anarchists (like other antifascist groups) had to reorganize their struggle against fascism outside Italy. While socialists and republicans went especially to France and Switzerland, and the Communists to France and Belgium, the anarchists have chosen, for several reasons, the American continent. My

---

\* Doutor em História pela UNICAMP, com pós-doutorados pela Università di Roma (2010-2011) e pela USP (2012). É professor de História (graduação e Mestrado) na Universidade Estadual de Maringá/PR. [fabiobertonha@hotmail.com](mailto:fabiobertonha@hotmail.com).

João Fabio Bertonha

goal in this paper is to compare the various regional cases in the Americas and explore the various transnational instruments that connected the Italian anarchists in the Americas, Europe and Australia such as newspapers, letters, etc.

Keywords: Italians; anarchists; fascism; anti-fascism; transnacionalism.

---

## Introdução

O tema do anarquismo italiano já mereceu um sem número de estudos e críticas e, mesmo se pensarmos no tópico mais restrito do anarquismo italiano fora da Itália durante o período fascista, teríamos centenas, talvez milhares de artigos, livros e teses disponíveis em várias línguas. A historiografia italiana e mundial já foi capaz, assim, de reconstruir a história de grupos, jornais e mesmo militantes individuais anarquistas na Itália e em todo o planeta. Do mesmo modo, temos um quadro mais ou menos claro sobre as relações dos anarquistas com outros grupos antifascistas italianos e também com os anarquistas locais em cada país de imigração. Evidentemente, lacunas ainda precisam ser preenchidas, mas a base de dados de que dispomos para ir adiante é mais do que suficiente para que tentemos novas interpretações e abordagens.

O objetivo desse texto é justamente utilizar a abordagem comparativa e transnacional para procurar compreender melhor o universo dos anarquistas italianos entre as duas guerras mundiais. Longe de escrever uma história geral dos vários movimentos e grupos anarquistas espalhados pelo mundo, meu foco é identificar os principais núcleos anarquistas remanescentes no mundo da diáspora italiana nos anos 20 e 30, especialmente no continente americano, comparar seus sucessos e fracassos e verificar como eles se relacionavam entre si numa rede mundial. O enfoque comparativo e os laços transnacionais criados pelos anarquistas italianos nas suas lutas serão, pois, o foco desse artigo.

Nesse sentido, o primeiro item fará um breve resumo da luta antifascista dos anarquistas italianos no entre guerras, a dispersão geográfica dos anarquistas forçados a emigrar pelo regime fascista e, especialmente, sobre os lugares onde eles conseguiram reconstruir minimamente alguma base de atuação, comparando-os. Feito isso, tentarei demonstrar a importância dos laços criados entre eles, passando por fronteiras de países e continentes, para que a sua luta tivesse sentido mesmo depois de tantos anos de derrotas e revezes e quando a situação local parecia, muitas vezes, sem esperanças. Não abordarei aqui a teoria da história transnacional (cf. BERTONHA, 2010) nem utilizarei novas fontes primárias, mas procurarei utilizar a bibliografia já existente para enfatizar esse aspecto da luta antifascista e anarquista italiana mundial no entre guerras. E, mesmo no tocante à bibliografia, apenas uma parte dela será utilizada, já que, como mencionado, a disponibilidade de fontes secundárias é grande demais para que pudéssemos pensar em esgotá-la em um simples artigo.

#### Os anarquistas e a luta contra o fascismo

A oposição ao fascismo foi sistemática desde sua ascensão ao poder. Politicamente, a oposição ao fascismo se dividiu em dois grandes setores: aqueles que continuaram legais, não se organizaram como movimento de massa e permaneceram limitados a uma atividade meramente cultural, sem ameaçar o regime (católicos, liberais, etc.) e os que se empenharam decisivamente na luta política, como os comunistas, socialistas e republicanos.

Os vários grupos políticos reagiram, assim, de formas diversas à ameaça fascista. Socialistas e comunistas foram imediatamente reprimidos e tiveram que escolher entre a clandestinidade ou o exílio. Já os republicanos partiram de uma posição de aproximação com relação ao primeiro fascismo a uma firme decisão de barrá-lo depois do estabelecimento de sua ligação com a Monarquia. Já os anarquistas

responderam com energia à violência esquadrista fascista (DADÀ, 1984; NEMETH, 1984), o que os levou, aliás, a serem especialmente reprimidos e obrigados ao caminho do exílio desde cedo.

Os anarquistas foram áspers críticos de iniciativas como a Concentrazione, mas sempre estiveram na linha de frente na luta antifascista nos mais variados países do mundo, enfatizando a ação e a oposição física aos fascistas e ao fascismo. Não espantosamente, foram justamente os anarquistas, além dos gielistas, que iniciaram a formação de tropas para auxiliar os republicanos espanhóis durante a Guerra Civil Espanhola, enquanto socialistas e comunistas estavam ainda avaliando o que fazer. Mesmo quando o antifascismo italiano como um todo enfraqueceu e chegou a um estado de quase apatia no final dos anos 30, o anarquismo, ainda que também enfraquecido, ainda resistia ao regime do Duce (DADÀ, 1984; MANFREDONIA, 1986).

Em linhas gerais, os anarquistas foram minoritários dentro do antifascismo italiano no exílio, tanto em termos de número de militantes como na formação de instituições e movimentos de combate ao regime. Mesmo assim, em termos de impacto midiático, é provável que algumas de suas ações violentas contra instituições e personalidades fascistas tenham tido mais repercussão do que as educativas e organizativas de comunistas ou socialistas. Além disso, é importante observar que o anarquismo foi mais influente em alguns dos países de emigração italiana e menos em outros, o que deu caracteres diversos ao antifascismo de cada país.

#### A emigração anarquista e sua preferência pela América

Os dados numéricos, normalmente extraídos pelos historiadores de fontes policiais e, acima de tudo, do Casellario Politico Centrale, em Roma, evidenciam com clareza como a dispersão geográfica dos antifascistas não foi uniforme e como essa distribuição foi fundamental para explicar a maior presença dos anarquistas antifascistas no além-mar, com ênfase no continente americano.

O trabalho de Eric Vial (1986) sobre a França é especialmente interessante nesse ponto. Ele indica que a emigração antifascista tinha uma diferenciação clara na origem (mais comunista no norte da Itália e mais libertária no sul) e também no destino. Segundo seu estudo, os antifascistas da França tinham uma proporção maior de socialistas e comunistas e menor de anarquistas, enquanto nos países de além-mar a proporção de anarquistas aumentava. Seguindo o mesmo modelo, Valenzi (2008, pp. 10-11) analisou 566 prontuários de antifascistas italianos na Tunísia, descobrindo que haveria 84 declaradamente anarquistas, o que é uma proporção relativamente elevada.

No Canadá, cujos dados no PC foram estudados por Giana (1989), também há indicativos da preferência anarquista pela emigração fora da Europa. Dos 123 antifascistas localizados por ela no arquivo policial italiano, os socialistas correspondiam a apenas 25%, sendo os comunistas 18% e os anarquistas nada menos do que 18%, ou seja, 23 pessoas. A base numérica, com certeza, era pequena, mas ela (Idem, p.252) menciona que eles conseguiram criar jornais e associações anarquistas, especialmente em Windsor, e organizaram manifestações, por exemplo, contra a execução de Sacco e Vanzetti.

É verdade que já existiam anarquistas italianos no Canadá antes do fascismo (PRINCIPE, 1984), mas foi crucial para as suas atividades o pequeno reforço que eles receberam dos refugiados. Cresciani (2004, pp. 11-12) fez o mesmo trabalho com a Austrália e, dos 230 homens encontrados, havia 77 comunistas, 57 socialistas, 11 republicanos, 56 antifascistas genéricos e nada menos do que 31 anarquistas, o que, proporcionalmente, é um número alto.

A mesma informação vem dos trabalhos de Katia Massara (2004) e Amelia Papparazzo (2004), as quais, analisando o caso dos calabreses que fugiram da repressão na Itália, mas voltaram ao país, já antes do fascismo, indicam como a maioria dos chamados "calabreses subversivos" emigrou para a América, com destaque para Buenos Aires e Nova York. Dos 333 comunistas forçados a emigrar, 224 escolheram a América, dos quais 69

foram para os EUA e 107 para a Argentina. Dos 411 socialistas, 160 foram para a Argentina e 120 para os EUA, com uma boa porcentagem seguindo para a França. Não há dados sobre os anarquistas, mas é possível imaginar que a maioria seguiu para a América. Quando originária do sul, portanto, seja qual for a filiação ideológica, a hipótese de emigração para a América era maior do que entre os oriundos do norte italiano.

Dessa forma, fica evidente como os anarquistas realmente preferiram os países de fora da Europa, como a Austrália ou a Tunísia, com ênfase, contudo, no continente americano, no qual a presença deles já era antiga e onde eles podiam encontrar sustento e apoio.

A divisão, contudo, não era apenas nacional, mas regional. Eric Vial (1988, p.22) indica, por exemplo, como, no sudeste francês, a proporção de anarquistas era maior do que no resto da França, dada a maior antiguidade da imigração italiana e anarquista para a área, enquanto socialistas e comunistas estavam mais representados na região de Paris. Genebra, com 30 militantes anarquistas ativos entre cerca de 100 antifascistas atuantes na cidade nos anos 30, (CANTINI, 2000) também poderia ser considerada uma cidade com boa representação anarquista.

Do mesmo modo, Molinari (1981, p. 118) indica as cidades americanas de Chicago e Patterson (Nova Jersey) como verdadeiras "cidades anarquistas italianas", mesmo título que poderia, talvez, ser dado a Windsor, no Canadá. A mesma autora, aliás, apresenta a informação (Idem, p. 81) de que, dos 81 jornais anarquistas publicados nos EUA, nada menos do que 33 estavam em Nova York, 11 em Illinois, 8 em New Jersey, 7 em Massachusetts e 5 na Pensilvânia, o que indica a concentração na costa Leste. Ao fugirem da Itália, os anarquistas realmente preferiam a América.

A presença de imigrantes anarquistas ajuda a explicar a maior força do anarquismo antifascista nesses locais. No entanto, a própria fuga para esses locais também era reflexo de imigração anarquista anterior, já que eles sabiam que, na América, poderiam encontrar apoio e amigos para a sua causa.

Essa distribuição geográfica diferenciada tinha, contudo, critérios que iam além da orientação política e da busca da proximidade de irmãos ideológicos. Os militantes de esquerda, de qualquer fé política, do sul da Itália tendiam a privilegiar, seguindo a corrente emigratória do sul italiano, o além-mar, como indica o caso dos oriundos de Morano Calábria (CAPPELLI, 1982), os quais exerceram sua militância antifascista centralmente nas Américas Central e do Sul.

Naqueles anos, a força dominante da esquerda italiana era formada por comunistas e socialistas e esses, junto com os republicanos e alguns liberais, eram originários majoritariamente do norte industrializado, o qual tinha uma tradição consolidada, ao menos naquele momento, de emigração mais voltada para a Europa do que para a América. Não espanta, assim, que eles tenham se dirigido, no exílio, proporcionalmente mais para o continente europeu do que para o americano, enquanto os anarquistas, aparentemente mais fortes, no entre guerras, no sul do que no norte da Itália, tenham seguido a rota americana tradicional.

A simples presença de imigrantes recentes anarquistas, claro, não explica a força ou a fraqueza do anarquismo antifascismo num dado lugar. Também a força remanescente da onda imigratória anarquista anterior, a força da esquerda local e a presença do Estado de direito eram elementos fundamentais, já que davam apoios e espaço para que o anarquismo continuasse a resistir ao fascismo, em aliança com outras forças locais ou mesmo isolados.

Realmente, mesmo sendo os anarquistas, junto com os comunistas, os mais visados pela repressão à esquerda nos mais diferentes recantos do globo, houve alguns locais (especialmente nos locais onde os anarquistas mantiveram o mínimo de legalismo nas suas atividades) onde eles tiveram oxigênio para respirar, enquanto em outros a repressão foi implacável. Não espanta, assim, que apesar da repressão ao radicalismo italiano ser uma constante nos Estados Unidos, por exemplo, ela ainda dava margem à sobrevivência dos anarquistas, o que não ocorreu, por exemplo, no Brasil.

Assim, em países onde os anarquistas italianos já estavam presentes antes de 1919, que receberam imigrantes recentes da mesma fé política e onde a estrutura política e social permitia espaço e apoio, houve como manter os ideais do anarquismo e lançá-los contra a máquina fascista. Já em outros, onde a presença anarquista era menor e/ou não receberam refugiados em número suficiente para manter vivo o movimento ou o clima político era sufocante, a situação só poderia ser de apatia.

#### Os núcleos da ação anarquista antifascista italiana: a América

Como indicado acima, a falta de renovação dos quadros, o ambiente político e as preferências regionais de emigração explicam por que certos países tiveram presença anarquista mais acentuada e outros não. Bénédicte Deschamps (2002, p. 326), no seu levantamento sobre os jornais anarquistas italianos pelo mundo, indica a presença de 16 títulos na Suíça, 11 no Egito e 66 na França, mas nada menos do que 38 na Argentina, 31 no Brasil e 82 nos EUA. O seu arco temporal vai além do período fascista e, portanto, os dados devem ser vistos com cautela. Não obstante, o seu levantamento nos dá um primenro insight a respeito dos principais núcleos do antifascismo anarquista no entre guerras e indica com clareza a importância da América para os anarquistas, ainda que com variações regionais.

No caso brasileiro, por exemplo, os anarquistas tinham forte presença antes da Primeira Guerra Mundial, mas estavam em decadência nos anos 1920 e 1930 e receberam poucos companheiros nesse período, além de viverem em um país cada vez mais inóspito para a esquerda. Por isso, eles sempre foram minoritários dentro do antifascismo, predominantemente socialista, e não formaram jamais grupos ou movimentos autônomos capazes de lhes dar mais expressão política (BERTONHA, 1999).

Na França, os anarquistas italianos, adaptados à vida clandestina, se refizeram rápido depois da fuga da Itália. Dois grupos centrais, o Pietro Gori e o Maison Comune, surgiram. Em 1924, os anarquistas italianos da França se articularam, organizando um Congresso com 23 grupos de toda a França

e fundando a *Alleanza Libertaria*, de duração limitada. Nos anos a seguir, novas tentativas de unir os anarquistas foram feitas e ações violentas contra os fascistas, além de atentados contra os consulados, marcaram a sua ação. Eles continuaram extremamente ativos por todos os anos 30, ainda que minoritários frente ao poder da aliança entre socialistas e comunistas, articulando propaganda e atividades com colegas da Inglaterra, Bélgica e Suíça, entre outros. (CERRITO, 1983; BERNABEI, 1997; DI LEMBO, 1990).

Claro que outros lugares na Europa poderiam ser mencionados, como Genebra (sede de importante núcleo anarquista) ou Bruxelas – onde alguns anarquistas, como Camillo Berneri (MORELLI, 1987, pp. 102-111), atuavam – e a “Meca anarquista” entre 1931 e 1939, Barcelona (Venza, 1996). Não obstante, fica evidente como os núcleos centrais do anarquismo antifascista, com a exceção da França, estavam no além-mar, na Tunísia, na Austrália (ao menos nos anos 20, quando, sob a liderança de Frank Carmagnola, foram a grande força propulsora do antifascismo, inclusive com vários enfrentamentos violentos – CRESCIANI, 1979, 1979a e 1979b; MARCHI, 1988) e, especialmente, no continente americano, nos Estados Unidos e na Argentina, sendo Nova York e Buenos Aires seus “nós” centrais.

Nos Estados Unidos, a tradição de luta direta dos anarquistas italianos era anterior ao fascismo. Conforme indicado por Pernicone (1993), entre 1917 e 1920, uns 50 a 60 anarquistas italianos residentes nos EUA lançaram campanha terrorista contra a repressão do governo aos movimentos sociais. Sua inspiração: Luigi Galleani (1861-1931), grande figura do anarquismo italiano, defensor da ação individual, violenta e que emigrou para os EUA em 1901. Deportado para a Itália em 1919, ficou preso até sua morte em 1931. Nos EUA, os galeanistas que sobreviveram à repressão e às baixas tentaram se organizar para salvar Sacco e Vanzetti e combater o fascismo nos EUA. Sempre estiveram na linha de frente para combater os fascistas nas ruas de Nova York.

Nos EUA havia também a figura polarizadora de Carlo Tresca, sobre o qual muito se escreveu (PERNICONE, 1989, 1996, 1999, 2001, 2005, 2006; GUARNIER, 1999; GALLAGHER, 1988). Publicando o jornal “*Il Martello*” (DADÀ,

1976), ele mantinha viva a tradição anárquica ítalo-americana, e colaborou com outras forças da esquerda italiana instaladas no país para bloquear as ações de Mussolini nos EUA. Ele chegou a liderar, junto com outros líderes, brigas de rua, como a de em Staaten Island, em 4 de julho 1932, quando centenas de antifascistas liderados por Tresca, Vacirca e outros dispersaram uma manifestação fascista reunida no monumento a Garibaldi (PERNICONE, 1999, Pp. 85-86).

Em Nova York também se publicou o importantíssimo jornal “L’Adunata dei refrattari”, e o núcleo anarquista aí sempre foi forte, assim como em outras cidades industriais dos EUA (DIGGINS, 1972). Com efeito, o anarquismo, em todas as suas variantes, foi uma força chave no antifascismo italiano dos Estados Unidos até os anos 40 (DADÀ, 1984; CALANDRI, 1984).

Na Argentina, igualmente; Buenos Aires em especial era um grande centro antifascista italiano, com presença substancial de anarquistas. Ali estavam representados a tanto a tendência organizacionista do anarquismo italiano, com a presença de Enrico Malatesta e Pietro Gori, como o individualismo anárquico, mais próximo de ações espetaculares e violentas contra o fascismo, como o de Severino Di Giovanni, as quais, aliás, levaram o anarquismo a ser particularmente reprimido nos anos 30 e perder força. Já importantes antes de 1919, os anarquistas foram reforçados por muitos anarquistas refugiados do fascismo, o que os ajudou a manter as suas atividades ao menos até a repressão na década seguinte (BAYER 1983 e 1988, FANESI, 1989; LEIVA, 1983; SERGI, 2008, entre outros).

Pessoas e núcleos anarquistas estavam, assim, espalhados por quase todos os países, mas com especial força no Brasil (ao menos até os anos 1920 – BERTONHA, 1999), em áreas do Canadá (LIBERATI, 1984, pp. 97-98) e em Montevideú (graças à ação aglutinadora de Luigi Fabbri – ALDRIGHI 1997 e 1998; FABBRI, 1996). Os EUA e a Argentina eram, contudo, as chaves do anarquismo italiano naqueles anos e era ali que se estabeleciam os “nós” principais, junto com Paris, da rede antifascista anarquista daquele momento.

## Os anarquistas italianos e a rede internacional antifascista

A capacidade dos anarquistas italianos isolados nos mais diferentes recantos influírem no debate e na luta política italianas, e mesmo de sobreviver, só era possível pela característica transnacional da militância de esquerda italiana ao redor do mundo já no final do século XIX, e que se reforçou no entre guerras, a qual se caracterizava pela formação de uma rede que ia do micro, local, ao macro, mundial. Tal rede estava com seus polos em contato permanente e isso permitia não apenas que células isoladas sobrevivessem, como que o debate político e de ideias fosse enriquecido por experiências as mais variadas, vindas de todo o mundo: uma rede, pois, transnacional, comum a outros antifascistas e também aos fascistas italianos em ação nas colônias no período.

As comunidades italianas espalhadas pelo mundo viveram nesse período, de fato, uma situação ímpar. De um lado, sofreram intensa propaganda por parte do regime fascista, o qual procurava reforçar os laços da Itália com seus emigrados e também com os movimentos fascistas do exterior. Tal esforço, por sua vez, gerou reações e, como já indicado, uma militância de grupos antifascistas italianos refugiados no exterior (ligados, muitas vezes, aos antifascistas locais), que lutaram por anos para manter os italianos emigrados imunes à propaganda de Mussolini.

Essa situação de conflito entre fascismo e antifascismo atravessou todos os países de imigração italiana, como o Brasil, a Argentina, o Canadá, a França, os Estados Unidos e outros, com resultados diferentes de país para país. É importante recordar novamente, de fato, que a situação em cada país não foi automaticamente igual, havendo especificidades locais que merecem ser postas em evidência para a melhor compreensão tanto do processo em geral, como de uma ou mais especificidades nacionais.

Ao mesmo tempo, contudo, os planejadores fascistas em Roma ou antifascistas em Paris ou Nova York não estavam muito preocupados com fronteiras nacionais e o fluxo de pessoas, informações e material era

contínuo. Antifascistas podiam estar militando em Buenos Aires num ano, em New York no seguinte e em Argel no próximo. Cônsules fascistas podiam ser transferidos de Sidnei para Paris e depois para Montevidéu. A propaganda fascista e antifascista também circulava sem respeitar fronteiras e ambos os lados viam suas lutas como globais.

Com certeza, não é este o espaço para detalharmos o sistema de funcionamento da rede antifascista italiana mundial, mas é fácil perceber como o seu sangue vital se constituía na circulação de jornais, publicações, notícias, cartas e militantes entre os mais diversos países e continentes de imigração italiana. Seus “nós” eram as coletividades de origem italiana – e, dentro delas, os intelectuais e líderes políticos fuorusciti (como Omero Schiassi na Austrália, Antonio Piccarolo no Brasil, Luigi Fabbri no Uruguai, Gaetano Salvemini nos Estados Unidos e muitos outros) –, as sessões das grandes associações italianas antifascistas ou dos partidos políticos italianos reconstruídos no exterior (como a LIDU, a Concentrazione, Giustizia e Libertà, o PCI, o PSI, o PRI e outros), as quais estavam espalhadas pelos cinco continentes, e os organismos supranacionais da esquerda, como as Internacionais Comunista e Socialista e os partidos que delas faziam parte.

Tais “nós” serviam para ligar as células antifascistas mesmo a milhares de quilômetros umas das outras, garantindo a globalização da sua luta e uma identidade maior. Redes de emigração regionais que levavam criação de grupos antifascistas específicos com conexões próprias – como as de oriundos da Emilia Romagna na França, na Argentina e no Brasil, as de piemonteses de Biella na Argentina (CORTI, 1992; OSTUNI, 1992) e as dos migrantes socialistas e antifascistas oriundos de Morano Calábria, presentes em toda a América Latina – CAPPELLI, 1982) – e a enorme dispersão internacional dos refugiados judeus italianos pós 1938 (com suas relações específicas e, a partir de então, muito próximas ao antifascismo) são outros exemplos nesse sentido.

Na verdade, o fascismo italiano também não agia de forma muito diferente nesses anos. A partir de um núcleo central mais delimitado – PERNICONE a Itália –, jornais, publicações, notícias e diretrizes seguiam

para todos os países de imigração italiana do mundo e os militantes fascistas italianos circulavam, com os “nós” sendo constituídos pelas sessões dos *fasci all'estero* e dos *Dopolavoro*, pelos intelectuais e militantes fascistas e também pela rede de Embaixadas e consulados italianos espalhados pelo mundo. Os contatos com os partidos de caráter fascista em todo o mundo e outras cadeias de emigração próprias também permitiam a criação de uma identidade fascista italiana internacional, que se contrapunha a antifascista.

É curioso notar também como esta colaboração supranacional dentro do antifascismo se dava, na maioria das vezes, através de um vínculo ideológico preciso, ainda que houvesse, contudo, colaboração frente ao inimigo em comum. Dessa forma, os socialistas italianos da França ou da Argentina, por exemplo, colaboravam mais entre si, muitas vezes, do que com anarquistas italianos nos seus países. Os comunistas apoiavam seus irmãos na Bélgica ou na Espanha, mas seriam menos propensos a aproximações com os anarquistas ou com os republicanos. Enfim, apesar das redes transnacionais antifascistas colaborarem em muitos momentos e se interligarem em várias ocasiões, elas se constituíam, quase sempre, em sub-redes ideológicas que também tinham um caráter transnacional.

Muitas das existências dos militantes eram, assim, vividas de forma transnacional, em defesa dos ideais antifascistas e anárquicos e na fuga da repressão e das dificuldades. Armando Borghi, por exemplo, fugiu para a Alemanha e depois para a França, se unindo a círculos anarquistas e antifascistas locais (DI LEMBO, 1990). Já Camillo Berneri emigrou para a França e depois para Barcelona. Luigi Fabbri, por sua vez, fugiu da Itália para a Suíça, seguindo depois para a França e para Montevidéu, enquanto Oreste Ristori viveu a sua vida entre a Itália, França, Brasil, Uruguai, Argentina e a Espanha (ROMANI, 2002), sendo esses apenas alguns entre tantos exemplos disponíveis. Esse estilo de vida levou Ugo Fedeli (1948, p.30) a recordar, com procedência, como, para os antifascistas, o importante era a luta, e não onde ela se dava, numa confirmação da visão transnacional deles.

Militantes menos eminentes também seguiam essa trajetória. Vincenzo Perrone, por exemplo, nasceu em 1899 em Salerno. Anarquista,

perdeu o emprego nas ferrovias em 1923 por sua oposição ao nascente fascismo. Em 1926, tentou expatriar para a França, mas não conseguiu, ficando na cadeia entre 1927 e 1932. Em 1933, conseguiu finalmente fugir para Paris e depois para Tunis. Em agosto de 1936, foi para a Espanha e ali perdeu a vida, tendo seu heroísmo sendo recordado por jornais como *L'Adunata dei refrattari*, de Nova York, *L'avanti*, de Paris, *Il Risveglio anarchico*, de Genebra, *Guerra di Classe*, de Barcelona e outras publicações anarquistas ou antifascistas (GALZARANO, 1999).

Já Michele Schirru, nascido em 1899 na Sardenha, participou de manifestações anarquistas na Itália antes de emigrar para os EUA, em 1920, em busca de trabalho. Morador de Pittsfield, cidade industrial em Massachusetts, se uniu a anarquistas e escreveu em jornais anarquistas locais. Em 1930, embarcou para Paris e, de lá, foi para Roma, onde tentou assassinar Mussolini, sendo preso e fuzilado no mesmo ano. Sua morte teve impacto mundial, tanto que jornais como *L'Adunata dei Refrattari*, de Nova York, *Lo Spaghetto*, de São Paulo, e outros o defenderam. (FIORI, 1990). Também Angelo Sbardellotto, depois de profunda militância antifascista na Bélgica, lutando com os fascistas nas ruas, de armas na mão, se tornou um herói para os anarquistas e antifascistas mundiais ao tentar assassinar Mussolini em 1932, tendo sido também preso e fuzilado (GALZERANO, 2003).

O sangue vital da vida dos antifascistas, contudo, não estava na circulação dos militantes, mas nos seus jornais. A circulação desses, apesar das barreiras policiais, era comum e vital para a vida dos militantes. O *Studi Sociali* de Fabbri, por exemplo, era muito lido nos circuitos antifascistas e anarquistas mundiais e vários anarquistas italianos do Brasil foram vigiados pela polícia por serem leitores de *L'Adunata dei refrattari* (Parra, 2003, pp. 30-31). Os anarquistas, e antifascistas em geral, assim, tentavam fazer seus jornais circularem dentro da sua rede e, se possível, infiltrá-los na Itália, o que explica o cuidado fascista em censurar a correspondência que vinha do exterior.

Transcrições de jornal para jornal também eram um meio comum de fazer circular as notícias e os debates. O *La Difesa*, principal jornal antifascista italiano do Brasil, por exemplo, era escrito com artigos e notícias vindos de jornais os mais diversos, a saber: *La Libertà* (Paris/França); *La Libera Stampa* (Lugano/Suíça); *Il Nuovo Mondo* (New York/EUA); *Il Martello* (New York/EUA) e *L'Italia del Popolo* (Buenos Aires/Argentina). Quando dirigido pelo moderado Antonio Piccarolo, contudo, os extratos vindos de jornais anarquistas recebiam destaque menor, enquanto durante a gestão do socialista Francesco Frola, defensor da colaboração antifascista, tais extratos eram mais comuns. Essa “colagem” de notícias não era, contudo, nenhuma exclusividade brasileira. O *Studi Sociali*, de Luigi Fabbri, por exemplo, reproduzia textos dos jornais *L'Adunata dei Refrattari* e *Il Martello*, de Nova York, *Germinal*, de Chicago, *Il Risveglio Anarchico*, de Genebra, *Lotta Anarchica*, de Paris, e *Guerra di Classe*, de Bruxelas (RAGO, 2001, p.135).

Isso, aliás, é perfeitamente lógico, pois, sendo a luta mundial, faria todo o sentido acompanhá-la mesmo em campos de batalha longe de casa. Fica claro, assim, como, apesar de notícias e comentários locais estarem presentes, as fontes internacionais de notícias permitiam uma circulação de informações, discussões e problemáticas muito mais ampla, abrangendo Europa, América, África e Oceania.

Bénédicte Deschamps (2002, p.326) chegou a escrever, a propósito, que os jornais radicais italianos espalhados pelo mundo tendiam a viver em mundos ideológicos próprios e a nunca perder o contato com a realidade italiana – o verdadeiro foco das suas preocupações – e que os anarquistas eram especialmente inclinados a discutir doutrina e esquecer os problemas locais, o que parece uma observação correta.

Além dessa circulação de notícias via jornais, havia também um notável intercâmbio intelectual entre os líderes e militantes anarquistas (e antifascistas em geral) com os de outros países. Temos registros, por exemplo, de correspondência e contatos entre Nello Garavini, anarquista e antifascista do Rio de Janeiro, com Luigi Fabbrino, do Uruguai (RAGO, 2001,

p.199), e de anarquistas na Argentina, na Bélgica ou no Egito se correspondendo entre si. Na verdade, um simples exame dos arquivos pessoais de Fabbri, Tresca e outros líderes anarquistas (e antifascistas em geral) permite verificar como a correspondência era um canal fundamental para manter a rede transacional em funcionamento e como esperar o Correio e escrever cartas era atividade fundamental para a sua prática política.

Também havia grande troca de favores ou financiamento entre os vários núcleos e personalidades do anarquismo italiano mundial. O residente nos EUA Raffaele Schiavina, por exemplo, que tinha voltado para o país em 1928 clandestinamente após a deportação junto com Galleani em 1919, era editor do jornal *L'Adunata dei refrattari* e proveu fundos para Michele Schirru, o militante do Bronx executado em 1931 por tentar assassinar o Duce, e também para Severino Di Giovanni fazer seus ataques em Buenos Aires até esse ser executado no mesmo ano (AVRICH, 1991, p.214).

Em Windsor e Toronto, Carlo Tresca e outras figuras do anarquismo ítalo-americano também eram convidados a dar palestras, de forma a manter vivas as tradições dos seus companheiros canadenses (LIBERATI, 1984, p.97-98). Iacovetta e Ventresca (1996), aliás, recordaram como a proximidade geográfica fazia os antifascistas italianos, entre eles os anarquistas, girarem sem problemas entre Windsor e Detroit. O mesmo poderia ser dito de Montevideu e Buenos Aires ou Paris e Bruxelas.

Igualmente, em 1935, por exemplo, Antonio Boito coletou 230 francos suíços entre os anarquistas de Griffith, Austrália, para apoiar o Soccorso Anarchico italiano de Genebra, que estava com falta de fundos (CRESCIANI, 2004, p.24). Às vezes, essa ajuda podia ocorrer apenas ao nível simbólico, como quando grupos anarquistas faziam protestos contra a prisão ou a morte de seus companheiros a milhares de quilômetros de distância, provavelmente sabendo que, na prática, isso de pouco adiantaria.

Podemos, agora, ter uma visão mais global do movimento antifascista de base anarquista no entre guerras. Partindo de alguns núcleos centrais, como Paris, Nova York e Buenos Aires, o antifascismo anarquista mantinha

núcleos de certa importância em locais como São Paulo, Genebra, Túnis, Windsor e Sidney e pequenos núcleos e/ou militantes isolados espalhados por todo o território de emigração italiana. Esses núcleos se interligavam entre si através da circulação de militantes, correspondência, jornais e notícias. Essa rede anarquista se conectava, por sua vez, à rede antifascista italiana mundial, de onde, mesmo com imensos contrastes e disputas, recebia energia e apoio para continuar sua luta mesmo quando as condições internas não eram favoráveis. Tal transnacionalismo é uma característica relevante do combate antifascista italiano, que revela que a ideia da globalização da política estava presente entre os antifascistas italianos já nos anos 20 e 30 (e mesmo antes) e que deve ser ressaltado.

Assim, não faz muito sentido pensar na história do antifascismo anarquista em termos de história brasileira, argentina, francesa ou mesmo italiana. O que havia naqueles anos era uma densa rede transnacional que afetava as atividades dos militantes em todo o mundo.

Efetivamente, antifascistas italianos viviam num mundo bastante peculiar. Ao mudarem de continente ou de país, eles muito provavelmente notariam grandes diferenças de um lugar para o outro: isolamento, discriminação e preconceitos contra os italianos mais ou menos difundidos, uma estrutura política mais ou menos aberta e onde variava o apoio local que chegava aos antifascistas. Por outro lado, eles não teriam dificuldades em se integrar a sua nova realidade. Eles ainda falariam a mesma língua, compartilhariam as mesmas preocupações e, provavelmente, teriam inúmeras leituras e referências em comum, especialmente se pensarmos em sub-campos dentro do antifascismo, como o anarquismo, o comunismo e o socialismo.

Isso indica como, no estudo do anarquismo e do antifascismo italianos fora da Itália, os conceitos de diáspora italiana (uma complexa rede de conexões sociais, políticas, econômicas e culturais que mantinham em permanente ligação a Itália com suas coletividades no exterior e estas entre si através do "nó" italiano) e de história transnacional são mais do que válidos se quisermos entender o processo de forma global e integrada.

João Fabio Bertonha

Entender o antifascismo italiano, anarquista ou não, em ação em um dado país sem pensar em referenciais externos seria uma tarefa inútil e até sem sentido.

### Conclusões

Os anarquistas, donos de uma longa tradição de militância clandestina e de emigração, formaram a linha de frente do primeiro antifascismo fora da Itália. Com o passar do tempo, entre as décadas de 1920 e 1930, eles foram perdendo expressão, tanto pela dificuldade de renovação de quadros quanto pela repressão que os visava com especial cuidado e a própria perda de prestígio do ideal anarquista depois de 1917. Essa diminuição de expressividade parece ter sido mais forte em certos contextos, como na Austrália e no Brasil, do que em outros, mas foi, em geral, real.

Mesmo assim, eles conseguiram se manter atuantes e ativos na luta contra o regime em quase todo o mundo, recebendo força e inspiração através da sua rede transnacional, mesmo quando, no seu contexto local, a luta anarquista parecia coisa do passado. Em alguns centros, especialmente no continente americano, eles conseguiram até mesmo se manter como ponta de lanças do antifascismo, como foi o caso dos EUA, da Argentina e da França.

Eles combateram o fascismo de uma forma muito mais direta e imediata do que as outras correntes políticas. Não espanta, assim, que, dos 45 fascistas mortos em combates de rua contra os antifascistas até 1933 (FASCI, 1933), 16 tenham sido na França, 13 na Bélgica/Luxemburgo, 6 nos EUA e 8 na Argentina, com o número de feridos seguindo o mesmo padrão; todos países onde o anarquismo era dominante ou, no mínimo, bem representado. A aliança PCI/PSI, depois de 1934, deu nova força ao antifascismo, mas em outros termos e sem a visibilidade até física dos anarquistas, dispostos, em sua maioria, ao confronto direto e físico com os fascistas.

Se essas ações fizeram bem ou mau ao antifascismo italiano como um todo é questão em aberto. Os atos mais violentos e diretos davam justificativa para uma repressão ainda mais acentuada, que atingia a todos os antifascistas. Por outro lado, não poucos antifascistas, anarquistas ou não, se animaram com os atentados e vitórias dos anarquistas em batalhas nas ruas contra os fascistas, e sem tal tipo de atividade, talvez, a decadência do antifascismo italiano no exterior teria sido ainda maior do que a efetivamente ocorrida.

Sobre a importância do antifascismo emigrado na história da Itália, Santi Fedele (2000) recorda como este era realmente frágil e que foi a derrota militar que selou o destino de Mussolini. Por outro lado, ele lembra como o antifascismo no exterior não apenas ajudou a manter ao menos parte do mundo da emigração longe da órbita fascista, como também que boa parte da classe dirigente italiana pós-1945 se originou dessa experiência, mantendo o vínculo da tradição democrática e socialista entre a Itália pré e pós-fascismo e reelaborando-a depois da dura experiência do exílio e da derrota.

Nesse contexto, o anarquismo foi parte menor no conjunto do antifascismo e perdeu relevância no decorrer do tempo. Ao mesmo tempo, quase todo o trabalho de reflexão e reelaboração que depois influenciou a República italiana veio essencialmente das matrizes comunistas, socialistas, republicanas e progressistas em geral. Os anarquistas, nesse contexto, foram marginais e sua colaboração para a formação da República italiana, bem menor. A esse respeito, aliás, Fedele (2000, p.7) apresenta a hipótese de que foram os antifascistas baseados na Europa que fizeram o grosso da reflexão que permitiu o surgimento da República italiana e que, no continente americano, o antifascismo se baseava, em boa medida, na velha tradição da esquerda italiana, mazziniana ou anarquista, o que a manteve longe desse esforço de reelaboração teórica.

Mesmo que consideremos a posição de Fedele excessivamente radical, a marginalidade dos anarquistas dentro da esquerda italiana emigrada em geral, a sua concentração no continente americano,

João Fabio Bertonha

relativamente distante da Itália, e seu crescente enfraquecimento nos anos 30 com certeza fizeram do anarquismo força menor no sentido de influenciar os destinos da Itália pós-1945. Mesmo assim, ele foi crucial no combate ao fascismo em vários contextos e especialmente no continente americano, onde o regime teria tido muito mais facilidade para se impor entre os emigrantes se não existisse o anarquismo, os anarquistas e a sua rede transnacional de apoios e solidariedades. O anarquismo italiano emigrado pode não ter derrotado, por si só, o fascismo, mas colaborou de forma importante no seu questionamento.

#### Bibliografia

- ALDRIGUI, Clara. "Luigi Fabbri en Uruguay, 1929-1935." *Estudios Migratorios Latinoamericanos* 12, n.37 (1997), pp. 389-422.
- \_\_\_\_\_. "Notas sobre el temprano exilio antifascista en Montevideo: actividad politica de Luigi Fabbri (1929-1935)." In: SORI, Ercole. *Le Marche fuori dalle marche: migrazioni interne ed emigrazioni all'estero tra 18. e 20. secolo*. Ancona: Proposti e ricerche, 1998. pp. 581-620.
- AVRICH, Paul. *Sacco and Vanzetti – the anarchist background*. Princeton: Princeton University Press, 1991.
- BAYER, Osvaldo. "L'influenza dell'immigrazione italiana nel movimento anarchico argentino". In: BEZZA, Bruno. *Gli italiani fuori d'Italia – Gli emigrati italiani nei movimenti operai dei paesi d'adozione (1880-1940)*. Milano: Franco Angeli Editore, 1983. pp. 531-548.
- \_\_\_\_\_. *Severino di Giovanni – El idealista de la violencia*. Buenos Aires: Legasa, 1988.
- BERNABEI, Alfio. *Esuli ed emigrati italiani nel Regno Unito, 1920-1940*. Milano: Mursia, 1997.
- BERTONHA, João Fábio. *Sob a Sombra de Mussolini: os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo, 1919-1945*. São Paulo: Annablume, 1999.

- \_\_\_\_\_. "Transnazionalismo e Diáspora come concetti per capire l'emigrazione italiana: un riesame." *ASEI – Archivio storico dell'emigrazione italiana* 6, 1 (2010). pp. 133-41.
- CANTINI, Claude. "Fascismo e Antifascismo a Ginevra: qualche dettaglio per non dimenticare." *Agorà*, 12 (2000).
- CAPPELLI, Vittorio. "Emigrazione transoceanica e socialismo. Il caso di Morano Calabria." In: Borzomati, Paolo. *L'emigrazione calabrese dall'Unità ad oggi*, Roma, Centro Studi Emigrazione, 1982. pp.115-133.
- CERRITO, Gino. "L'emigrazione libertaria italiana in Francia nel ventennio tra le due guerre." In: BEZZA, Bruno. *Gli italiani fuori d'Italia - Gli emigrati italiani nei movimenti operai dei paesi d'adozione (1880-1940)*. Milano: Franco Angeli Editore, 1983. pp. 831-912.
- \_\_\_\_\_. "Sull'emigrazione anarchica italiana negli Stati Uniti d'America." *Volontà* (1969). pp. 269-76.
- CORTI, Paola. "Emigrazione, associazionismo e comportamenti politici in una comunità piemontese (1870-1931)." In: DE VOTO, Fernando. *Asociacionismo, trabajo e identidad étnica – Los italianos en America Latina en una perspectiva comparada*. Buenos Aires: Cempla, 1992. pp.267-85.
- CRESCIANI, Gianfausto. *Fascismo, antifascismo e gli italiani in Australia, 1922-1945*. Roma: Bonacci, 1979.
- \_\_\_\_\_. "Italian Anti Fascism in Australia, 1922-1945." In: DE FELICE, Renzo. *Cenni storici sulla emigrazione italiana nelle Americhe e in Australia*. Milano: Franco Angeli Editore, 1979a pp. 143-64.
- \_\_\_\_\_. "The Proletarian Migrants: Fascism and Italians anarchists in Australia." *The Australian Quarterly* 51, 1 (1979b). pp. 4-19.
- \_\_\_\_\_. "Refractory Migrants. Fascist Surveillance on Italians in Australia, 1922-1943." *Altreltalie - Rivista Internazionale di studi sulle popolazioni di origine italiana nel mondo*, n. 28 (2004). pp. 6-47.
- DADÀ, Adriana. "Il Martello, New York, 1916-1946." In: BERRINI, Leonardo. *Bibliografia dell'anarchismo*, Firenze, 1976. pp. 198-210.

- \_\_\_\_\_. "La stampa anarchica." In: VARSORI, Antonio. L'antifascismo italiano negli Stati Uniti durante la Seconda Guerra Mondiale. Roma: Archivio Trimestrale, 1984. pp. 349-70.
- DESCHAMPS, Bénédicte. "Echi D'italia. La stampa dell'emigrazione." In: FRANZINA, Emilio et alii. Storia dell'emigrazione italiana. Roma: Donzelli, 2002. pp. 313-334.
- DIGGINS, John. L'America, Mussolini e il fascismo. Bari Laterza, 1972.
- DI LEMBO, Luigi. "Borghi in Francia tra ifuorusciti (Estate 1923 - Autunno 1926)." Bollettino del Museo del Risorgimento, 35, 1990. pp. 91-143.
- FABBRI, Luce. Luigi Fabbri. Storia d'un uomo libero. Pisa: BFS, 1996.
- FANESI, Pietro Rinaldo. "El antifascismo italiano en Argentina". Estudios Migratorios latinoamericanos, 4, 12, 1989. pp. 319-352.
- FASCI Italiani All'estero. 45 morti, 283 feriti. Roma, 1933.
- FEDELE, Santi. "Il retaggio dell'esilio: considerazioni sul fuoruscitismo antifascista." Soveria Mannelli: Rubbettino, 2000.
- FEDELI, Ugo. Luigi Fabbri. Torino: Gruppo Editoriale Anarchico, 1948.
- FIORI, Giuseppe. Vita emorte di Michele Schirru. L'anarchico che Pensò Di Uccidere Mussolini. Roma/Bari: Laterza, 1990.
- GALLAGHER, Dorothy. All the right enemies – the life and murder of Carlo Tresca. New Brunswick and London: Rutgers University Press, 1988.
- GALZERANO, Giuseppe. Angelo Sbardellotto. Vita, processo emorte dell'emigrante anarchico fucilato per l'intenzione" di uccidere Mussolini. Salerno: Galzerano Editore, 2003.
- \_\_\_\_\_. Vincenzo Perrone. Vita elotte, esilio emorte dell'anarchico salernitano volontario della libertà in Spagna. Salerno: Galzerano Editore, 1999.
- GIANA, Teresa. "L'antifascismo italo canadese attraverso le fonti italiane: il Casellario Politico Centrale" In: LIBERATI, Luigi Bruti. Il Canadá e la guerra dei trent'anni. Milano: Guerrini, pp. 241-266. 1989.
- GUARNIERI, Ítalo. Carlo Tresca. Vita emorte di un anarchico italiano in America. Chieti: Tinari, 1999.

- IACOVETTA, Franca e RADFORTH, Ian. "Immigration and Labour: Australia and Canadá compared." *Labour/Le Travail*, 38, pp. 90-115, 1996.
- LEIVA, Maria de Luján "Il movimento antifascista italiano in Argentina 1922-1945" In: BEZZA, Bruno. *Gli italiani fuori d'Italia - Gli emigrati italiani nei movimenti operai dei paesi d'adozione (1880-1940)*. Milano, Franco Angeli, pp. 549-570, 1983.
- MARCHI, Moreno. "Emigrazione anarchica italiana in Australia." *Notiziario dell'Istituto storico della resistenza in Cuneo e Provincia* 33, 1988. pp. 57-68.
- LIBERATI, Luigi Bruti. *Il Canadá, L'Italia e il fascismo*. Roma: Bonacci, 1984.
- MANFREDONIA, Gaetano. "Gli anarchici italiani in Francia nella lotta antifascista." In: MANFREDONIA, Gaetano. *La Resistenza sconosciuta. Gli anarchici e la lotta contro il fascismo. I giornali anarchici clandestini 1943-45*. Milano: Zero in Condotta, 1995. pp. 236-54..
- \_\_\_\_\_. "Les anarchistes italiens en France dans la lutte antifasciste." In: MILZA, Pierre. *Les italiens en France de 1914 a 1940*. Roma: Ecole Française de Rome, 1986. pp. 222-54.
- MASSARA, Katia. "Gli esuli calabresi tra dissenso ed esilio politico." In PAPAARAZZO, Amelia. *Calabresi sovversivi nel mondo. L'esodo, l'impegno politico, le lotte degli emigrati in terra straniera (1880-1940)*. Soveria Mannelli: Rubbetino, 2004. pp. 45-80.
- MOLINARI, Augusta. "I giornali della comunità anarchiche italo-americane." *Movimento Operaio e Socialista* 4, 1-2, 1981. pp. 117-30.
- MORELLI, Anne. *Fascismo e antifascismo nell'emigrazione italiana in Belgio, 1922-1940*. Roma: Bonacci, 1987.
- NEMETH, Luc. "Gli anarchici (1918-1939)." In *L'Italia in esilio - L'emigrazione italiana in Francia tra le due guerre*. Roma/Paris, 1984. pp. 306-08.
- OSTUNI, Maria Rosaria. "Operai e antifascismo a Buenos Aires: la società "Liber Piemont" " In: DEVOTO, Fernando. *Asociacionismo, trabajo e identidad étnica*. Buenos Aires: CEMLA-CSERIEHS, 1992. pp. 303-309.
- PAPAARAZZO, Amelia. "Il contributo degli emigrati calabresi alle lotte operaie degli Stati Uniti." In: PAPAARAZZO, Amelia. *Calabresi sovversivi nel*

- mondo. L'esodo, l'impegno politico, le lotte degli emigrati in terra straniera (1880-1940). Soveria Mannelli: Rubbetino, 2004. pp. 9-43.
- PARRA, Lúcia Silva. Combates pela liberdade: o movimento anarquista sob a vigilância do Dops (1924-1945). São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.
- PERNICONE, Nunzio. "Luigi Galleani and Italian anarchist terrorism in the United States." *Studi Emigrazione* 30, n. 111, 1993 pp. 469-89.
- \_\_\_\_\_. "Il caso Greco Carrillo – Un episodio della lotta tra fascismo e antifascismo negli Stati Uniti". *Storia Contemporanea*, 27, 4, pp. 611-641.
- \_\_\_\_\_. "Italian immigrant radicalism in New York." In: CANNISTRARO, Philip. *The Italians of New York: five centuries of struggle and achievement*. New York: New York Historical Society, 1999. pp. 77-90.
- \_\_\_\_\_. "Carlo Tresca's *Il Martello*." *The Italian American Review* 8, n. 1, 2001. pp. 7-55.
- \_\_\_\_\_. *Carlo Tresca. Portrait of a rebel*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Autobiografia di Carlo Tresca*. Roma: Anicia, 2006.
- \_\_\_\_\_. "Carlo Tresca: life and death of a revolutionary." In: CANNISTRARO, Philip e JULIANI, Richard. *Italian Americans: The Search for and Usable Past*. New York, 1989. pp. 216-35.
- PRINCIPE, Angelo. "Note sul radicalismo tra gli italiani in Canadá, 1900-1915" In: LERDA, Valeria. *Canadá e Stati Uniti*. Venezia: Marsilio, 1984.
- RAGO, Margareth. *Entre a História e a Liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.
- ROMANI, Carlo. *Oreste Ristori, uma aventura anarquista*. São Paulo: Annablume, 2002.
- SERGI, Pantaleone. "Tra coscienza etnica ecoscienza di classe. Giornali italiani anarco-comunisti in Argentina (1885-1935)." *Giornale di Storia Contemporanea* 11, 1, 2008. pp. 101-26.

- VALENZI, Lucia. "La formazione dei giovani antifascisti." In: VALENZI, Lucia. Italiani e antifascisti in Tunisia negli anni trenta. Percorsi di una difficile identità, Napoli, Liguori, 2008, pp. 1-40.
- VENZA, Claudio. "La Mecca dell'anarchismo". Esuli libertari italiani a Barcellona durante la seconda repubblica." Quaderni del Circolo Rosselli (Carlo Rosselli e la Catalogna Antifascista), 2, 1996. pp. 39-46.
- VIAL, Eric. "Le Casellario Politico Centrale. Source pour l'histoire de l'emigration politique." In: MILZA, Pierre. Les italiens en France de 1914 a 1940. Roma: Ecole Française de Rome, 1986. pp. 155-167.
- \_\_\_\_\_. "Le CPC: source pour l'etude de l'emigration dans le sud-est." In: TEMINE, Emile. Gli italiani nella Francia del Sud e in Corsica (1860-1980). Milano: Franco Angeli, 1988. pp. 17-28.